DOI: 10.20911/21799024v13n2p83/2022

A reprodução humana em tempos de hedonismo e utilitarismo

Fabricio Biela Vassoler ¹

Resumo: Tido como um filósofo que, dentre outros assuntos, se dedica aos estudos de integração da sociedade por meio do desenvolvimento da capacidade de autonomia do sujeito, uma das temáticas contemporâneas debatidas por Jurgen Habermas é a eugenia, um procedimento genético capaz de gerar um ser humano com características pré-definidas. Tal processo, quando usado sem uma necessidade biológica que o justifique, contribui para a desintegração da sociedade, aumentando ainda mais os abismos sociais que dificultam o acesso a uma vida digna por aqueles que vivem à margem. Nesse sentido, o filósofo põe em discussão o aspecto ético-moral dessa prática que contém finalidades divergentes.

Palavras-chave: eugenia, integração, reciprocidade, moral, hedonismo.

Abstract: Regarded as a philosopher who, among other subjects, is dedicated to studies on the integration of society through the development of the subject's capacity for autonomy, one of the contemporary themes debated by Jurgen Habermas is eugenics, a genetic procedure capable of generating a human being with pre-defined characteristics. Such a process, when used without a biological need that justifies it, contributes to the disintegration of society, further increasing the social abysses that hinder access to a dignified life for those living on the margins. In this sense, the philosopher discusses the ethical-moral aspect of this practice, which contains divergent purposes.

Keywords: eugenics, integration, reciprocity, morality, hedonism.

¹ Bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). O autor é religioso, pertencente a Companhia de Jesus.

Introdução

O ser humano, com sua inteligência e necessidade de transgressão, busca superar as intempéries colocadas pelas circunstâncias que o enredam em cada tempo. Assim, o conhecimento científico avança em direção à uma vida mais prática, com maiores possibilidades e novas mediações capazes de driblar os desafios, considerados como obstáculos para uma existência digna de ser vivida. Nessa dinâmica, discussões do ponto de vista ético e moral se fazem presentes quando se percebe qual a necessidade de transgressão que se dá por meio do conhecimento científico, cuja finalidade é um bem, pois, à princípio em função da superação dos limites relacionados às condições para uma existência humana digna, acaba desmedida em relação a vida real contribuindo para o deterioramento das próprias condições para a existência como, por exemplo, o aprofundamento dos abismos das desigualdades sociais.

Dessa maneira, se por uma via avança o conhecimento científico, como que em via de mão de dupla, faz-se necessário avançar em direção oposta acompanhados por quem se dedica a analisar a realidade com olhar crítico chamando a atenção para a necessidade de uma rota que promova a coesão social. Sendo assim, nesse trabalho avançaremos com o filósofo Jurgen Habermas, às vezes confundido com sociólogo, que cumpre à risca a função do seu ofício, isto é, por tudo em questão para mediante a dúvida e a busca por novos caminhos, abranger a realidade por meio da argumentação racional.

Jurgen Habermas nasceu em 1929, na cidade de Dusseldorf, Alemanha. Hoje, com 93 anos de idade, ele é tido como o filósofo mais influente do mundo e o principal membro da escola de Frankfurt (BLACKBURN, 1997, p. 176). Por meio do seu pensamento, ele alimenta a filosofia de sua tarefa de responder as questões da humanidade. Tornou-se “conhecido por seu estudo persistente dos problemas da natureza da comunicação e da autoconsciência e de seu papel causal na área social” (AUDI, 2006, p. 442). Suas obras apresentam “uma defesa crítica sistemática das instituições modernas e uma justificação das reivindicações da razão prática pública” (BLACKBURN, 1997, p. 176).

Preocupado com o avanço capitalista gerador de uma sociedade consumista que se desintegra e forma pessoas dependentes, seus estudos giram em torno de processos capazes de integrarem a sociedade por meio do desenvolvimento da capacidade de autonomia do sujeito, com o objetivo de torná-lo apto a se guiar pelo próprio entendimento. Dessa maneira, duas palavras-chave propulsoras das suas ideias são *autonomia* e *integração*.

Considerar como provável a integração social por meio da autonomia do sujeito requer primeiro lançar um olhar apurado sobre a organização da sociedade atual, bem como sobre o seu caminho até aqui e seus processos inerentes, para identificar e aprofundar os fatores de desintegração social. A ideologia positivista combatida por Habermas defende a ciência como base absoluta para o conhecimento humano, sendo a sua descrição o único relato adequado sobre a natureza. Portanto, um desses principais fatores é a primazia do conhecimento científico que objetifica a natureza, o ser humano e as coisas, trazendo todas as

relações para o âmbito da praticidade que valoriza apenas a eficiência e a produtividade.

Nesse sentido, suas pesquisas percorrem vários temas sociais, como o nacionalismo, a imigração, a internet, a religião, dentre outros (HABERMAS, 2018). Este estudo abordará o pensamento do filósofo a respeito da eugenia², um método científico capaz de determinar “capacidades, disposições e qualidades condicionadas geneticamente” (HABERMAS, 2004, p. 84). Mais precisamente nos debruçaremos sobre o aspecto da moralidade neste tema. Trataremos a eugenia como uma prática com finalidades divergentes à reintegração social por meio das diferenças.

1. Questões morais do processo eugênico: hedonismo e utilitarismo

À princípio, diante de um processo eugênico é esperado que as pessoas perguntem sobre a necessidade de um método de controle genético, quando os pais que desejam ter filhos possuem todas as condições biológicas necessárias para a geração de uma criança. Ou, os pais financeiramente aptos a uma reprodução geneticamente condicionada, poderiam questionar qual o problema em buscar tal método se biologicamente não haveria nenhuma diferença na constituição do corpo do filho, se comparado aos bebês gerados de forma natural, alegando que o método garante o melhoramento e aprimoramento da espécie humana.

Atualmente, muitos são os motivos para que uma criança não nasça de fecundação natural e seja proveniente de algum método artificial. Tanto a mulher quanto o homem podem apresentar uma série de problemas biológicos que justificam um bebê de proveta³. Porém, de acordo com o professor Henry Greely, diretor do centro de lei e biociência da universidade de Stanford, “pessoas residentes em países desenvolvidos deixarão de fazer sexo para reprodução e passarão a conceber filhos exclusivamente com a ajuda de laboratório” (GREELY, 2016). Desse modo, chama atenção a busca pela reprodução assistida⁴ quando as pessoas possuem todas as condições naturais para a fecundação. Podemos nos perguntar: o que está por trás dessa busca sem que haja um problema biológico justificável?

Essa é uma questão profunda que exige olhar as características da contemporaneidade capitalista. Em nossa sociedade, o prazer se estabeleceu como perspectiva para os acontecimentos da vida. Assim, a dor e a tristeza devem ser evitadas a qualquer custo. Segundo Fortes, “falar do sofrimento hoje é tocar em uma questão crucial, pois o que caracteriza o homem na atualidade é o hedonis-

2 Uma teoria baseada na genética de que seria possível criar seres humanos melhorados a partir do controle genético dos mesmos. Esses aprimoramentos não seriam, porém, apenas biológicos, mas também sociais, psicológicos, econômicos e culturais. <https://www.infoescola.com/genetica/eugenia/>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

3 É uma criança proveniente de inseminação artificial ou fertilização *in vitro*, ou seja, não resulta de uma fecundação em condições naturais proveniente de uma relação sexual entre um homem e uma mulher, mas antes da fecundação gerada em laboratório. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Beb%C3%A9-proveta>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

4 Nome dado a tratamentos que podem ajudar a pessoa engravidar sem ter relações sexuais. <https://fertilidade.org/content/reproducao-assistida>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

mo⁵, o imperativo de ter prazer e evitar o sofrimento” (FORTES, 2009, p. 1125). Para o sustento do hedonismo, mercantiliza-se a felicidade no desejo de evitar qualquer possibilidade de dor.

Essa problemática reverbera-se com vigor na forma como as pessoas vivem a relação entre o sexo e a reprodução. Considerando o prazer que ambos podem gerar, qualquer variável vista como possibilidade de interferir na felicidade, pode levar à busca de meios que visam controlá-las. Ou seja, no desejo de ter um filho, pessoas saudáveis e com boas condições financeiras podem se perguntar: por que partir do meio natural se existem possibilidades laboratoriais que garantem a qualidade dos embriões? Nesse sentido, para que a reprodução por meio do sexo não se torne um risco que venha a gerar dor, causada pelo nascimento de um bebê sem as características esperadas, é preferível consumir o que, por natureza, já está dado.

Para alguns pensadores, acrescenta-se ao hedonismo, um modo de proceder utilitarista. O medo de que algo possa dar “errado” com o filho é fruto dessa cultura, onde todo aquele que não se encaixa nos padrões pré-definidos deixa de ser útil e, conseqüentemente, não traz felicidade. Jeremy Bentham, um dos principais filósofos da ética utilitarista, citado por Fortes, explica que “o termo utilidade designa o seguinte: a propriedade do objeto de produzir ou proporcionar benefício, vantagem, prazer, bem ou felicidade (...), ou (...) a impedir que aconteça o dano, a dor, ou a infelicidade para a parte cujo interesse está em pauta” (FORTES, 2009, p. 1133).

Podemos dizer, portanto, que o modo de reprodução assistida é útil enquanto aumenta a possibilidade de felicidade. Esse método interfere nas variáveis, diminuindo as chances de alguma anomalia genética. Há alguns anos já se dizia que

o diagnóstico genético pré-implantacional poderá servir no futuro como uma forma de controle de qualidade de embriões humanos, levando à substituição da reprodução espontânea pela fertilização *in vitro*, no intuito de selecionar características específicas de indivíduos, ou para eliminar pessoas ‘defeituosas’, caracterizando a eugenia (CARDIN; ROSA, 2013, p. 189).

Até aqui, estão em evidência as expectativas das pessoas que pretendem ter filhos e a utilidade da técnica. Mesmo cientes de que “com vistas à liberdade ética de levar uma vida própria sob condições orgânicas iniciais não escolhidas por ela mesma, a pessoa programada encontra-se, inicialmente, numa situação que não é diferente da pessoa gerada de forma natural” (HABERMAS, 2004, p. 84), além das questões levantadas pela crítica hedonista e utilitarista, emergem várias outras relacionadas à temática abordada.

5 Uma teoria ou doutrina filosófico-moral que afirma que o prazer é o bem supremo da vida humana. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hedonismo>. Acesso 31 de outubro de 2022.

2. Reciprocidade e liberdade: incidência da ciência na vida humana e na organização social

Podemos pensar, por exemplo, na constituição da reciprocidade nos nascituros geneticamente modificados. Sabemos da essencialidade desta virtude humana nos diferentes contextos relacionais da vida, como na amizade, no trabalho e na família, e principalmente nas inúmeras relações simétricas que tecem o desenvolvimento humano. É justamente a reciprocidade que nos permite estabelecer contatos mútuos para além de uma utilidade de favores apenas; contatos marcados pelas diferenças entre as pessoas, no que se refere tanto às suas qualidades quanto às fragilidades tidas como parte da condição humana.

Se na relação entre pais e filhos não se fizer necessária a reciprocidade pelo fato dos pais “que moldam o destino genético de seu filho conforme suas próprias preferências” (HABERMAS, 2004, p. 91), as interações sociais desses filhos ficarão comprometidas porque não terão aprendido uma qualidade crucial para o estabelecimento de vínculos que tendem ao equilíbrio da vida com aquilo que os outros complementam na pessoa. Porém, tal envolvimento requer uma maleabilidade que escapa ao já programado. “Uma intervenção genética não abre espaço de comunicação para dirigir-se à criança planejada como uma pessoa e incluí-la num processo de compreensão” (HABERMAS, 2004, p. 86).

Somada a reciprocidade há a indispensabilidade da liberdade.

As intervenções eugênicas de aperfeiçoamento prejudicam a liberdade ética na medida em que submetem a pessoa em questão a intenções fixadas por terceiros, que ela rejeita, mas que são irreversíveis, impedindo-as de se compreender livremente como o autor único de sua própria vida (HABERMAS, 2004, p. 87).

A liberdade se faz necessária para uma vida autônoma apta a desenvolver o seu próprio projeto, fruto do emaranhado de ressonâncias interiores que brotam naturalmente das nossas experiências.

Quando algo é determinado de fora para dentro, e ainda mais por terceiros, aquilo que poderia surgir naturalmente, primordial para plasmar a autenticidade do indivíduo na dimensão subjetiva e objetiva, dá lugar a algo imposto provido de uma “espontaneidade” formatada. Nesse sentido, “uma programação eugênica de qualidades e disposições desejáveis suscita considerações morais sobre o projeto, quando ela instaura a pessoa em questão num determinado plano de vida, portanto quando a restringe especificamente em sua liberdade de escolha de uma vida própria” (HABERMAS, 2004, p. 84).

Outro ponto a ser observado é a incidência da ciência sobre a vida humana. Sabemos a capacidade que o aparato tecnológico possui de evoluir e de matematizar a natureza em fórmulas e conceitos, responsáveis por avanços antes inimagináveis. Por um lado, o conhecimento cada vez mais avançado torna a vida humana mais qualificável, a ponto de diante de uma pandemia, como a Covid19, termos uma vacina em menos de dois anos.

Por outro, na medida em que é considerado apenas o que for passível de verificação científica, há o enorme risco das relações se reduzirem apenas à dimensão prática, em que o valor das coisas e principalmente das pessoas será medido pela eficiência e produtividade, conforme comentado no início. Nesse sentido, podemos conjecturar que todo aquele que não se encaixa nos padrões definidos deixa de ser útil. Existe o medo que algo possa dar “errado” com o filho. Daí, prefere-se a reprodução artificial, contudo, um processo que também estaria objetificando a vida de alguém, quando as suas habilidades já estariam programadas antes mesmo de nascer.

Dessa maneira, faz-se necessário chamar atenção para a imprescindibilidade de pensar sobretudo o futuro dos filhos. Considerando-os desde o ciclo embrionário, como fica seu direito de existir naturalmente? Jurgen Habermas questiona o seguinte: “É compatível com a dignidade humana ser gerado mediante ressalva e, somente após um exame genético, ser considerado digno de uma existência e de um desenvolvimento? Podemos dispor livremente da vida humana para fins de seleção?” (CARDIN; ROSA, 2013, p. 189).

Um procedimento como esse aprofunda as desigualdades sociais, particularmente no âmbito subjetivo, como os dons e talentos dos indivíduos, quando é forjada uma pré-disposição do sujeito para áreas afins que o põe em destaque em relação aos demais. Além disso, sustenta uma cultura que valoriza determinadas características, ao mesmo tempo excludente de tantas outras igualmente humanas e necessárias para um processo de integração. Caso contrário, o que pode ocorrer é o estabelecimento de um modelo único desprovido de qualidades humanas relacionais entre os diferentes.

Práticas da eugenia de aperfeiçoamento não podem ser “normalizadas” de modo legítimo no âmbito de uma sociedade pluralista e democraticamente constituída, que concede a todo cidadão igual direito a uma conduta de vida autônoma, porque a seleção das disposições desejadas *a priori* não pode ser desatrelada do prejulgamento de determinados projetos de vida (HABERMAS, 2004, pp. 91-92).

Conclusão

A busca por uma reprodução assistida sem a existência de algum problema biológico nas pessoas aptas a gerarem um filho naturalmente, revela a não-acolhida daqueles que possuem alguma variável fora dos padrões sociais, como a síndrome de Down ou algum tipo de deficiência física ou mental. Isso é não reconhecer o quanto uma vida feliz pode acontecer fora do planejamento familiar ideologizado pela cultura hedonista e utilitarista, mas pautado na dignidade da pessoa humana. Além de subestimar a capacidade de autonomia do indivíduo para governar-se com tomada de decisões que atendam às suas necessidades.

Quando as necessidades primeiras são impostas por um modo organizacional desintegrador, a demanda para controlar as variáveis, sobretudo subjetivas, tendo em vista o indivíduo como a principal peça da engrenagem e o aperfeiçoa-

mento da técnica, será sempre crescente para garantir e evoluir o sistema. Contudo, um sistema, por mais sofisticado que seja, jamais será capaz de abarcar toda a complexidade e as necessidades do indivíduo. Portanto, o discernimento imprescindível e perene para uma sociedade que seja capaz de incorporar os diversos indivíduos em um mesmo nível de concordância e estabilidade, alcançando assim a integração social por meio da autonomia do sujeito, será a determinação das suas prioridades.

Não cabe diante de um avanço científico como esse simplesmente uma atitude de aprovação ou recusa. Aquilo que contribui para uma vida humana autônoma e relacional, que em meio as diferenças geram aproximação e igual dignidade, é possível de ser visto como algo benéfico para a sociedade. A questão que precisa estar em permanência é sobre as motivações que levam ao uso do método. Não se deve apenas chegar a um único ponto de vista sancionado igualmente para todas as situações. A questão permanente deve aplicar-se a uma avaliação personalizada, pois assim é possível de que o método não favoreça casos de objetivos particulares que escapam ao bem comum.

Referências

AUDI, Robert. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 442.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997, p. 176.

CARDIN, Valéria; ROSA, Letícia. "Da vulnerabilidade do embrião oriundo da reprodução humana assistida e a ética da vida". *Revista Brasileira de Direito Animal*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330402262_DA_VULNERABILIDADE_DO_EMBRIO_ORIUNDO_DA_REPRODUCAO_HUMANA_ASSISTIDA_E_DA_ETICA_DA_VIDA. Acesso em 31 de outubro de 2022.

FORTES, Isabel. "A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo". *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. IX, n. 4, p. 1123-1144, dez. 2009.

GREELY, Henry. *Entrevista a Will Worley*, jornal *The Independent*, em 29 mar. 2016. Disponível em: <https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/em-20-anos-sexo-deixara-de-ter-funcao-de-reproducao-diz-cientista/>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

HABERMAS, Jurgen. *Entrevista a Borja Hermoso*, jornal *El País*, em 06/05/2018. In. Revista IHU online. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578694-juergen-habermas-nao-pode-haver-intelectuais-se-nao-ha-leitores>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

HABERMAS, Jurgen. *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.